

REPRESENTAÇÕES DA CIÊNCIA E DA MULHER CIENTISTA NA SÉRIE ANIMADA *HORA DE AVENTURA*

Tayna Mioni Nakamura

Doutoranda em Multiunidades em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
taynanakamura@gmail.com

Alberto Lopo Montalvão Neto

Doutorando em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
neto_19901812@yahoo.com.br

Francisco Vieira da Silva

Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
francisco.vieiras@ufersa.edu.br

RESUMO

Este trabalho busca compreender as condições de produção de sentido no discurso de/sobre Ciência, mobilizando conceitos como relações de sentido, mecanismo de antecipação e relações de força na série animada *Hora de Aventura*. Ao fazer esse recorte, a análise gira em torno da construção da personagem Princesa Jujuba, a saber, a cientista da série. Adota-se como referencial as noções da Análise de Discurso de linha francesa, a partir dos pressupostos teórico-metodológicos iniciados por Michel Pêcheux, principalmente nos trabalhos de Eni Orlandi. As análises apontam que as representações presentes na animação analisada oscilam entre duas caracterizações: ora é construída uma princesa que se remete à imagem de cientista e de ciência de forma neutra, objetiva e que exalta a superioridade do conhecimento científico, ora são construídas representações com vieses humanizados, exaltando-se aspectos histórico-sociais.

Palavras-chave: Série animada; Análise do Discurso; representação; gênero; ciência.

ABSTRACT

This work aims at comprehending the conditions for the production of meaning in scientific discourses or about Science, approaching concepts such as relations of meaning, anticipation mechanism and relations of power in the animated series *Adventure Time*. We analyze the construction of the Princess Bubblegum character, namely, the scientist from the show. As theoretical foundation, we adopt the French Line notions about Discourse Analysis, starting from the theoretical-methodological assumptions proposed by Michel Pêcheux, especially in works made by Eni Orlandi. The analysis pointed out that the representations within the cartoon oscillate between two portrayals: sometimes it is constructed a princess who is neutral and objectively related to the images of science and scientist, and praises to the superiority of the scientific knowledge, sometimes are constructed representations with human biases, highlighting socio-historical aspects.

Keywords: Animated series; Discourse Analysis; representation; gender; science.

1. Introdução

Vivemos numa sociedade em que a atividade científica está presente no cotidiano e impacta, direta ou indiretamente, a vida das pessoas, nos mais variados aspectos. Nesse cenário, as representações sociais de ciência e de cientista, que estão atreladas ao imaginário dos sujeitos, em vários âmbitos sociais, refletem na sua relação com a atividade científica. Dentre os principais responsáveis por veicular amplamente ao considerado “público leigo” determinadas representações de ciência e do cientista, ao longo do tempo, temos os meios de comunicação de massa. Ou seja, mesmo aqueles produtos voltados para entretenimento, tal como filmes, novelas, séries, dentre outras formas de materializações audiovisuais, promovem concepções que constroem determinadas representações sociais (SIQUEIRA, 2010, MESQUITA.; SOARES, 2008, SILVEIRA JUNIOR; PRADO, 2017).

Dentre as mídias voltadas para o público infantojuvenil, as séries animadas merecem destaque quando se trata de promover representações de ciência e cientista na infância. Nelas, há com frequência alguma forma de menção à ciência e a personagens famosos pertencentes à posição sujeito-cientista. Nesse sentido, conforme nos apontam Pandora e Rider (2008), faz-se necessário compreender o que o público em geral entende por ciência e a visão que se tem sobre o fazer científico, visto que a mídia, ao longo dos anos, foi utilizada para construir tanto imagens estereotipadas do sujeito-cientista, quanto como um meio de veiculação de imagens mais humanizadas, as quais se colocam de modo mais próximo e interativo com o público.

No que se refere às animações infantojuvenis, há de se considerar aqui uma diferenciação, lembrada por Siqueira (2010), entre aquelas que possuem prioridade na intenção formadora e aquelas de cunho comercial. As primeiras são claramente

preocupadas com o conteúdo veiculado, visando ao desenvolvimento e formação da criança e do adolescente. As segundas, em prioridade, visam entreter pelo espetáculo, havendo cenas que envolvem agressividade de atitudes e de vocabulário. Mediante isso, interessam-nos justamente aquelas de caráter comercial, visto que, tal como nos apontam Mesquita e Soares (2008), os desenhos animados estão comumente presentes na vida das crianças, sendo, por vezes, uma espécie de “babá eletrônica”.

No presente texto, busca-se compreender as condições de produção de sentido no discurso de/sobre Ciência a partir da leitura da série animada *Hora de Aventura* (2010), veiculada pelo canal de televisão por assinatura “Cartoon Network”. Considerando o sucesso de público e crítica dessa série (VIEIRA, 2018), e o fato de um dos principais personagens ser a Princesa Jujuba, a qual é apresentada como uma cientista, julgamos pertinente pensarmos no funcionamento de uma rede de sentidos que discursivizam esse sujeito. As análises sustentam-se nas noções e princípios da Análise de Discurso (AD) de linha francesa, na perspectiva iniciada por Michel Pêcheux (1988) e, principalmente, nos estudos de Eni Orlandi (1999) realizados no Brasil.

Para isso, este texto se estrutura do seguinte modo: na seção a seguir, discutimos os principais conceitos da AD que subsidiam teoricamente nosso gesto de análise. Posteriormente, analisamos alguns recortes da animação *Hora da Aventura* e finalizamos com as considerações finais.

2. Aspectos teórico-metodológicos e delimitação do dispositivo analítico

Segundo Orlandi (1994, p. 52), partindo do conceito pecheutiano, o discurso é definido como “efeito de sentido entre locutores”, de forma que, ao pensar a linguagem, é preciso “considerá-la necessariamente em relação à constituição dos sujeitos e à

produção dos sentidos”. Os sujeitos, por sua vez, são imersos no social, historicamente localizados, enquanto o sentido “não está já fixado *a priori*, como essência das palavras, nem tampouco pode ser qualquer um: há determinação histórica do sentido.” (ORLANDI, 1994, p. 56).

Assim, o foco da AD não é compreender o conteúdo de uma mensagem, mas, sim, as relações que ela tem com o contexto histórico e social que a envolve, e como essas margens do dizer vão implicar os sentidos possíveis a ela atribuídos. Para a construção da análise, com relação ao dispositivo teórico, serão mobilizadas principalmente três noções da AD: *Relações de sentido*, *Mecanismo de antecipação* e *Relações de força*, as quais são apresentadas em Orlandi (1999, p.70) como mecanismos de funcionamento do discurso, e compõem as suas condições de produção de sentidos. Tais conceitos serão sucintamente descritos a seguir, com base na referida autora.

Relações de sentido: todo discurso se relaciona com diversos outros que o sustentam, assim como com dizeres futuros. Em suma, a leitura de um texto aponta para outros textos e o sentido se efetua por meio dessa relação. O sentido não está posto e fixo, mas é continuamente construído.

Mecanismo de antecipação: diz respeito à regulação discursiva, visando seus efeitos sobre os sujeitos, a partir de uma memória.

Relações de força: considera o lugar a partir do qual o sujeito fala e a posição que ele ocupa no discurso. Uma vez que nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, as relações de força presentes nos discursos permitem compreender os sentidos atribuídos para determinado texto a partir do lugar que o leitor ocupa em relação a seu outro.

Conforme aponta Orlandi (1999), o que delimita o dispositivo analítico é a questão que é colocada pelo analista, a natureza do material a ser analisado, bem como a finalidade dessa análise. Num batimento que está entre a descrição e a interpretação, embasamo-nos em um dispositivo teórico que tem a função de mediar tal movimento. Nesse sentido, pautados nas concepções de Orlandi (1999), e baseando-nos nas questões

teórico-metodológicas de elaboração dos dispositivos, bem como na ideia de que o analista se filia a diferentes conceitos teóricos do campo disciplinar do qual parte e se inscreve, consideramos que, no presente trabalho, esse olhar para o discurso científico se localiza nas histórias de vida e nas histórias de leitura dos autores.

Considerando as noções da AD enunciadas e o que Miranda et al (2013) propõem em relação às produções cinematográficas comerciais, no presente estudo, as séries animadas serão tratadas como textos. Assim, ao assisti-las, pode-se pensar que se realiza uma leitura da obra, sendo que o leitor, um sujeito imerso no social, se posiciona em relação ao texto a partir de um dado lugar social. Em outras palavras, mediante as condições de produção em que se inserem, em sentidos amplo e/ou estrito, bem como mediante as formações discursivas, entendidas como aquilo que determinará o que pode ou não ser dito (PÊCHEUX, 1988), a que os sujeitos se filiam.

Sendo *Hora de Aventura* uma série bastante extensa, a análise versará sobre as primeiras cinco temporadas do programa, atentando-se mais criteriosamente ao recorte de oito episódios nos quais observamos que os temas ciência e cientista são explorados de forma mais enfática. Tais episódios são: “Pânico na Festa do Pijama”, “Você de Verdade”, “O Que Faltava”, “De Mal a Pior”, “Lady & Jujuba”, “Você me Fez”, “O Pretendente” e “Só Magos Tolos”.

3. Relações de Sentido: o atravessamento de questões sócio-históricas

A série *Hora de Aventura* (2010) é uma obra de desenho gráfico norte-americana, criada por Pendleton Ward, que conta a história de um menino e seu cachorro. A trama é ambientada na Terra de Ooo, um mundo pós-apocalíptico que surgiu após a Guerra dos Cogumelos, assim denominada em alusão às nuvens de fumaça em formato de cogumelo

originadas de explosões nucleares. Na série, o uso indiscriminado de armamentos nucleares no decorrer dessa guerra é pano de fundo para o fim do mundo tal como conhecemos, dando origem ao cenário pós-apocalíptico.

O menino Finn, de 12 anos, é o último humano vivo de que se tem conhecimento, adotado ainda bebê pela família de Jake, um canino com poder de se esticar e encolher como quiser, seu melhor amigo e irmão. Finn e Jake são aventureiros e em cada episódio, de aproximadamente 11 minutos, contam uma de suas peripécias.

Dentre os demais personagens principais da produção animada encontra-se a Princesa Jujuba, a governante do Reino Doce e, além disso, uma cientista, sendo Finn e Jake seus fiéis aliados. É por meio dela que os temas relacionados à ciência e à imagem do cientista são abordados na obra. Assim, ao dirigirmos nosso olhar para esses sujeitos, estamos, quase sempre, falando da construção de efeitos de sentido que margeiam a personagem e/ou de condições de produção imediatas que a envolvem.

Rosa da cabeça aos pés, cor que no imaginário social remete à feminilidade e à fragilidade, Jujuba é uma personagem forte, independente, uma princesa sem príncipe ou rei, que governa seu reino com responsabilidade e rigidez. Querida e respeitada pelos seus súditos, ela é bondosa e preocupada com o bem-estar de seu povo, embora, por vezes, devido à sua posição de liderança, tenha que tomar decisões difíceis. E, para além de governante, tem como grande paixão a ciência. Como diz o verbete em que é descrita no site da *Cartoon Network*: “como uma milionária e entusiasta nerd, a Princesa Jujuba mergulha fundo em qualquer assunto tecnológico (ou não): de ciência espacial à criação de tartarugas.”

Ao analisarmos previamente como a personagem é representada, observamos que há uma relação de sentidos, na qual se toma por base uma discussão amplamente

realizada ao longo das últimas décadas, que se interconecta com o movimento feminista. Ao ser colocada na figura de “governante”, “autoridade” e “cientista”, há uma série de relações, não apenas de sentidos, mas de força e de mecanismos de antecipação, que intencionam produzir determinados efeitos de sentido nos interlocutores que assistem a série animada. Em outras palavras, há uma determinada posição-sujeito na construção da personagem Princesa Jujuba, que se filia não só ao imaginário de outras condições de produção históricas, tais como as lutas feministas, como também a coloca na posição de autoridade, em uma forma de representação que se aproxima de uma fictícia sociedade matriarcal. Essa colocação é exatamente o oposto do recorte do real em que emerge a criação de *Hora de Aventura*, no qual vivemos eminentemente por meio de correntes patriarcais, milenarmente dominantes na sociedade ocidental.

De acordo com Rosa e Silva (2015), o feminismo, em seus diferentes contextos, com uma pluralidade de movimentos históricos decorrentes desde o final do século XIX, busca afirmar as conquistas das mulheres em questões como o direito ao voto político e a afirmação da identidade feminina. Mais tarde, tais debates intensificam-se a respeito de questões de gênero, que deixa de ser visto como uma mera definição biológica e passa a ser considerado como uma construção social. Não obstante, posteriormente, o movimento feminista se debruça sobre questões sociais que representam mulheres negras, de classes sociais economicamente menos abastadas e que se situam no hemisfério sul do globo terrestre.

Podemos notar uma relação de sentidos diferente ao investigarmos alguns enunciados da animação. No episódio “Você Me Fez”, da quarta temporada de *Hora de Aventura*, é retratada a história do Conde de Limãograb, personagem de aparência semelhante à fruta limão e que, louco de solidão por causa de seu jeito azedo,

incompreendido pelos demais habitantes da Terra de Ooo, culpa a Princesa Jujuba por fazê-lo dessa forma. Com isso, a trama do episódio orbita em torno de uma tentativa de vingança do personagem. Dentre as falas da Princesa Jujuba, evidencia-se um discurso que, por um lado, aparenta se filiar a uma figura feminina de uma personalidade doce e delicada, e por outro, a mostra como uma mulher destemida e empoderada.

Podemos ver esse movimento, que se filia ao estereótipo feminino de doçura e de uma postura meiga, quando a Princesa Jujuba diz "*Olha só Duke... o povo doce é muito especial. Eles precisam de muito carinho, muitos abraços [...]*" ou quando, em uma situação de perigo, ela diz "*Limãograb, para! Por favor, no que eu posso ajudar? [...]*". É possível identificar esse outro imaginário, de uma princesa forte e destemida, em um momento em que a princesa busca tomar a frente da situação e resolver o conflito ao qual está imersa, ela diz "*Não. É minha responsabilidade. Eu tenho que tentar ajudá-lo [...]*" ou quando ela diz "*Espera, eu tenho um plano. Vocês vão em frente [...]*".

Nesse contexto, ter em Hora de Aventura uma personagem como a Princesa Jujuba ocupando a posição de cientista, uma atividade comumente associada ao masculino (MESQUITA; SOARES, 2008), é um rompimento de estereótipo significativo. E, ao se olhar para uma forte tendência atual em relação à representação feminina nos desenhos animados, principalmente mediante às questões feministas citadas, há fortes indícios do porquê da escolha de ela ser, especificamente, uma cientista.

4. Mecanismo de Antecipação: a representação de um imaginário de cientista

Pensando em como os autores regulam o discurso do texto, segundo o efeito que se pensa produzir sobre o leitor, ou seja, mediante o mecanismo de antecipação, podemos refletir sobre a representação de cientista veiculada na série animada.

Conforme consideramos anteriormente, *Hora de Aventura* busca romper em parte com o estereótipo de cientista ao atribuir essa ocupação a uma personagem feminina. Entretanto, algumas características marcantes da representação de cientista estabelecida no imaginário social, amplamente veiculadas em desenhos animados sobre o tema, ainda se fazem bastante presentes.

Dentre os aspectos hegemônicos que demarcam o imaginário dominante sobre o cientista, acreditamos que um dos mais representativos seja o jaleco branco. Quase sempre que Jujuba é mostrada “fazendo ciência”, ela está usando um jaleco branco sobre a sua roupa rosa, sendo bastante comum também ter os seus cabelos presos e usar óculos nessas situações. Seus experimentos mais significativos na série remetem muito à atividade do Dr. Frankenstein, nos quais ela cria seres vivos a partir de biomassa. Erlenmeyer (frasco de vidro empregado na dissolução de substâncias), tubos de ensaio, óculos protetores, aparatos tecnológicos diversos... esses e outros objetos também configuram as representações tradicionais de ciência e de cientista presentes na animação, compondo a personagem Princesa Jujuba. Nota-se que há uma formação discursiva a qual se filiam as imagens, típica da concepção científica laboratorial. Dessa forma, assim como a grande maioria dos cientistas de desenhos animados, Jujuba é muito racional, descrita como um gênio prodígio em ciências, demonstrando, assim, um poder por meio do saber, e possui um laboratório particular em sua residência no qual trabalha, aparentemente, sozinha, em meio a tubos de ensaio e aparelhos eletrônicos.

Considerando ser importante refletir sobre o fazer científico como uma atividade não realizada de forma individual e isolada, e que a História da Ciência nos ajuda a compreender o trabalho do cientista como dependente de uma série de relações entre sujeitos imersos em dadas condições de produção imediatas e/ou históricas (SIQUEIRA, 2010), acreditamos que, em relação à forma como a Princesa Jujuba é apresentada como cientista, há o reforço de certo estereótipo, o qual pode reforçar um imaginário sobre essa representação para o seu público.

Uma vez que o imaginário se configura pelo modo como as relações sociais são inscritas na história e regidas pelas relações de poder que as constituem (ORLANDI, 1999), a representação de um cientista enquanto autoridade genial, isolada socialmente no campo da ciência, pode levar a univocidade de efeitos de sentidos, com vieses hegemônicos, sobre o fazer científico. Há, então, um mecanismo de antecipação por parte dos criadores da obra analisada que busca, a partir da imagem socialmente instituída e consolidada de cientista, produzir referências imediatas ao caráter de autoridade e neutralidade da ciência. Consideramos que, apesar da busca por silenciar a subjetividade e a própria história da construção do conhecimento científico, com vistas a uma posição de neutralidade e de verdade, a ciência e seus enunciados possuem seu caráter de validade dadas as condições de produção que a permitem significar (POSSENTI, 1997).

Entretanto, ao mesmo tempo em que, em partes, é reforçada essa imagem de cientista louco, gênio e solitário em seu laboratório, a série animada *Hora de Aventura* traz elementos intrínsecos à comunidade científica que tenta romper, em parte, com os estereótipos. Por exemplo, em “Você de Verdade”, Jujuba organiza uma conferência científica, visando reunir cientistas para que compartilhem suas pesquisas. Assim,

mesmo que trabalhe sozinha no laboratório, ela faz parte de uma comunidade científica que influencia a construção de conhecimento e a forma de pensar em um dado período histórico.

Podemos observar tal noção da construção do pensamento científico no diálogo abaixo, no qual a princesa convida Finn, personagem não cientista, para discursar na conferência científica:

Princesa Jujuba: Ora, Finn. Você tem um cérebro heroico, que é fascinante, cientificamente. Muitas mentes científicas vão falar no meu churrasco. Você devia falar alguma coisa também. Faz isso por mim, Finn?

Finn: Tudo o que quiser.

Princesa Jujuba: Obrigada, Finn [...].

Jake: [...] você vai dar uma palestra pra um bando de gênios.

Finn: Eu não me enturmo com esses caras. Eu sou pura burrice! [...]

Nota-se, nesse e em outros enunciados, um discurso que, por um lado, busca abranger a ciência como construída sócio-historicamente por uma comunidade científica, mas, por outro, acentua a separação do que é considerado como saber erudito, científico, dos saberes populares, referentes ao dito “público leigo”. É como se a ciência fosse intocável, intangível por pessoas “comuns”, que não estão inseridas na comunidade científica, e assim todo o conhecimento e poder decisório ficariam a cargo de cientistas. A fala de Finn mostra-nos, inclusive, que o próprio personagem se inferioriza perante o conhecimento de outros sujeitos pelo simples fato deles serem cientistas. Sobre a imagem solitária de um cientista que se coloca na representação da princesa, esta é quebrada pelas próprias condições de produção nas quais ela se encontra inserida. Há uma humanização das relações vivenciadas pela personagem, nas quais a princesa tem uma vida social bastante agitada devido ao seu posto como governante, de modo que ela está longe de ser solitária o tempo todo.

Além disso, em vários episódios, como “Pânico da Festa do Pijama”, “O Que Faltava” e “Você Me Fez”, há a desconstrução de uma imagem de cientista, em que a Princesa Jujuba, embora tente construir a imagem de alguém “perfeita”, não o é. Nesses episódios a personagem comete uma série de erros enquanto cientista, erros esses que podem afetar gravemente a vida da população da Terra de Ooo.

No episódio intitulado “Pânico da Festa do Pijama”, devido a um erro de um experimento da Princesa Jujuba, ocorre uma invasão zumbi que ameaça toda a população da Terra de Ooo. Assim, notamos que, ao contrário de uma tradicional perspectiva salvacionista em relação à ciência, mostra-se outra representação imaginária, na qual se busca representar uma figura de cientista humanizada, que também falha. Ou seja, ocorre um movimento que vai de encontro à concepção na qual se acredita que a ciência pode resolver todos os problemas do mundo, desconsiderando suas falhas e equívocos, e parte-se para uma concepção menos canônica de ciência e de cientista.

Em resumo, se, por um lado, tem-se a manutenção de algumas características caricatas de cientista na personagem (como o jaleco branco e a sua ímpar genialidade), por outro, admite-se uma série de características intrínsecas ao trabalho científico que destoam das representações de ciência que costumam ser veiculadas nos desenhos animados. Mediante isso, acreditamos que a escolha por manter algumas características caricatas de cientista, presentes na formação imaginária das crianças, tenha sido uma escolha premeditada dos sujeitos envolvidos na produção da obra. Isto é, uma escolha permeada pelo mecanismo de antecipação, para que as crianças e jovens possam reconhecer em Jujuba a figura de um cientista.

5. Relações de Força

Analisar a posição que o cientista ocupa, no caso desta obra, nos parece um pouco complexo. Isso porque a personagem cientista é, antes de tudo, uma princesa. Ela ocupa uma posição de poder político, e a maioria dos personagens da série a respeita. Uma, dentre os poucos que a tratam como igual é Marceline, a Rainha dos Vampiros, com quem Jujuba teve um relacionamento amoroso e homoafetivo no passado. Para exemplificar tal relação, podemos nos remeter ao enunciado do episódio denominado “O Que Faltava”, no qual Marceline canta improvisadamente para a Princesa Jujuba: *“Desculpe se não a trato como deusa, é isso que você espera de mim. Desculpe se não a chamo de perfeita, como todos os seus súditos assim”*.

A crítica à perfeição que Jujuba pensa possuir, de acordo com a imagem que Marceline detém da personagem, volta a ser reforçada adiante no episódio, quando a princesa “erra nos cálculos” ao tentar resolver o problema da trama com uma racionalidade científica. Assim, ao mesmo tempo em que ocupa uma posição de poder sobre a maioria dos personagens, e isso pode ser estendido ao leitor, *Hora de Aventura* traz um contraponto para a racionalidade de Jujuba, permitindo uma leitura diferente da posição de cientista, menos hierarquizada.

Essas oscilações em relação ao papel que a ciência e o cientista ocupam na trama são exploradas em diversos outros momentos da série. Por exemplo, no episódio “Lady & Jujuba”, a princesa e uma amiga invadem o castelo de um vilão para resgatar Finn e Jake, o menino e o cão protagonistas da série. No início do episódio, Jujuba mostra-se confiante e preparada para a missão, pois têm a ciência ao seu lado. Entretanto, no decorrer da trama, ela perde todos seus aparatos tecnológicos que lhe ofereciam segurança e termina por enfrentar o inimigo sozinha, num combate corpo a corpo,

usando os conhecimentos científicos que possui sobre anatomia a seu favor para vencer o inimigo e resgatar os amigos.

Noutro episódio, intitulado “Só Magos Tolos”, Jujuba vai à Cidade dos Magos atrás de um remédio para resfriado, pois um cidadão de seu reino não aceita ser curado com produtos científicos (injeção), desejando apenas magia. A princesa passa o episódio todo achando a situação um absurdo, enaltecendo a ciência e desmerecendo a magia, mas, no ápice da trama, quem a salva de um perigo é a magia.

Nota-se, nos dois episódios, o heroísmo da Princesa Jujuba, a qual tenta solucionar os perigos e, conseqüentemente, salvar seus amigos com base em sua representada genialidade científica. Com isso, observamos que, num primeiro momento ocorre uma franca resistência a outros posicionamentos e formas de conhecimento, exaltando a ciência e desvalorizando o direito à participação democrática de sujeitos que não pertencem à “posição-cientista”, numa tentativa de colocá-la como neutra, objetiva, em sua forma de autoridade. Entretanto, com o decorrer da narrativa, são possíveis diferentes leituras sobre a relação de forças que a ciência ocupa na obra ao ser demarcado, por meio de aspectos lúdicos como o uso de magia ou por meio de atos de coragem, que a ciência não é a única solução para todos os problemas. Essa demarcação é importante ao considerarmos que o fazer científico e os seus discursos de verdade não são unívocos e se relacionam a condições de produção históricas (POSSENTI, 1997).

No que tange à questão “quem pode fazer ciência”, o episódio “De Mal a Pior” nos traz reflexões interessantes. Nele, ocorre uma invasão zumbi que transforma quase todos os cidadãos do Reino Doce em mortos-vivos. Para resolver a situação, existe uma fórmula criada por Jujuba no passado que traz os zumbis de volta à condição normal. Entretanto, Jujuba foi pega na invasão e cabe a outros personagens, não cientistas, sintetizarem a

solução com base em anotações da princesa, as quais estão escritas em linguagem científica. Os personagens não conseguem compreender aquelas anotações e ninguém acerta a solução. Ao final, quem lê as anotações, compreende e sintetiza a fórmula é a ratinha de laboratório da Princesa Jujuba, que a acompanha em seus experimentos, julgada, *a priori*, como incapaz ao longo de todo o episódio.

Dessa forma, dentre diferentes relações de sentidos possíveis, acreditamos que a animação corrobora para a visão de que a atividade científica é para poucos. Entretanto, esse seletivo grupo não se remete a um imaginário de sujeitos superdotados, mas, sim, àqueles inseridos em uma dada formação discursiva de forma a dominar uma linguagem específica da ciência e que estão acostumados com seus procedimentos.

6. Considerações Finais

Com base nos aportes teórico-metodológicos da Análise de Discurso, compreendemos que a série *Hora da Aventura* tenta, com a personagem Princesa Jujuba, desconstruir alguns tipos de representações hegemonicamente construídas, tal como é o caso dos estereótipos de princesa e de cientista. Nesse sentido, observamos uma série de movimentos nos quais, estabelecendo relações de sentidos, pautam-se em posições discursivas que estão atreladas a relações de força e/ou produção de imaginários com base nos efeitos de sentido.

Na série, a ciência, uma atividade masculina no imaginário social (REZNIK; MASSARINI; MOREIRA, 2019; MASSARANI, CASTELFRANCHI; PEDREIRA, 2019), é atribuída a uma princesa cor-de-rosa da cabeça aos pés. Entretanto, para que o público reconheça nela a figura de cientista, tendo em mente a formação imaginária das crianças sobre o tema, alguns estereótipos de cientistas são mantidos, de forma que Jujuba é construída

como alguém genial, um prodígio em ciências, marcando o estímulo visual com o icônico jaleco branco. No que se refere à posição de poder na qual a ciência é posta na trama, percebe-se ainda que acontece um questionamento de sua superioridade em relação a outras culturas, tal como a magia, no caso da animação analisada.

Partimos de uma concepção na qual a ciência é vista também como cultura, construída historicamente e, conseqüentemente, situada em determinadas condições localizadas em um dado tempo e espaço. Por isso, compreendemos que a abertura para outras compreensões, que vão para além de sentidos meramente estabilizados, possam abrir margem para um pensar científico que pode permitir aos sujeitos refletir e se posicionar criticamente perante as questões sociais e científicas.

Referências

- MESQUITA, N.; SOARES, M. "Visões de ciência em desenhos animados: uma alternativa para o debate sobre construção do conhecimento científico em sala de aula." *Ciência & Educação*, v. 14, n. 3, p. 417-429, 2008.
- MIRANDA, L. M. de *et al.* "Condições de produção de sentidos a partir da leitura do filme 'O Núcleo – Missão ao Centro da Terra'". In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 9., 2013, Águas de Lindóia. *Atas... Águas de Lindóia*, 2013.
- ORLANDI, E. P. "Discurso, imaginário social e conhecimento". *Em Aberto*, Brasília, v. 14, n. 61, p.52-59, jan./mar. 1994.
- ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios & procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999. 100 p.
- MASSARANI, L.; CASTELFRANCHI, Y.; PEDREIRA, A. E. "Cientistas na TV: como homens e mulheres são representados no Jornal Nacional e no Fantástico". *Cadernos Pagu*, Campinas, n.56, p. 1-34, 2019.
- PANDORA, K.; RADER, K. "Science in the everyday world: why perspectives from the history of science matter". *Isis*, v.99, pp.350-364, 2008.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Pontes, 1988.

POSSENTI, S. “Notas sobre linguagem científica e linguagem comum”. *Caderno Cedes: Ensino da ciência, leitura e literatura*, Campinas, n. 41, p.9-24, jul. 1997.

REZNIK, G.; MASSARINI, L.; MOREIRA, I. C. “Como a imagem de cientista aparece em curtas de animação?”. *História, Ciência e Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 26, n.3, p.753-777, jul./set. 2019.

ROSA, K.; SILVA, M. R. G. da. “Feminismos e ensino de ciências: análise de imagens de livros didáticos de Física”. *Revista Gênero*, Niterói, v. 16, n. 1, 2016.

SILVEIRA JUNIOR, P. M. da; PRADO, L. G. M. do. “Desenhos animados e representação feminina: uma trajetória em produções brasileiras”. *Sessões do Imaginário*, Porto Alegre, v. 22, n. 38, p.130-141, 2017.

SIQUEIRA, D. da C. O. “Entretenimento e mediação: representações de ciência e de escola em desenhos animados”. In: PINTO, G. A. *Divulgação científica e práticas educativas*. Curitiba: CRV, 2010. p. 167-180.

VIEIRA, M. C. “O fim de uma grande aventura: a série animada ‘Hora da Aventura’ chega ao fim e se consagra como um sucesso do gênero entre adultos e crianças”. *Veja*. 2018. Disponível: <<https://veja.abril.com.br/entretenimento/o-fim-de-uma-grande-aventura/>>. Acesso em: 10 fev. 2020.

Recebido em 05 de março de 2020.

Aceito em 28 de abril de 2020.